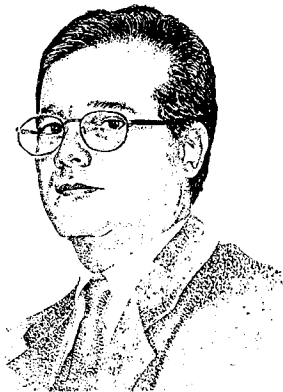


Franco foi “pai” da âncora cambial

Katia Luane
do Rio

O economista Gustavo Franco comandou o Banco Central a partir de julho de 1997, substituindo seu xará Gustavo Loyola. Desde então, enfrentou cenários conturbados dentro e fora do País. Economista formado na PUC-RJ, onde fez mestrado em economia do setor público, tornou-se “famoso” na mídia a partir de sua tese sobre a hiperinflação.

Figura polêmica, era admirado por muitos pela sua coragem de operar a mesa do BC nas “turbulências” e odiado por outros, que lhe atribuíam o epíteto de arrogante. “Pai” da âncora cambial, era apontado por empresários e exportadores como o responsável por todas as mazelas atuais da economia brasileira.



Gustavo Franco

Franco conseguiu colecionar desafetos até mesmo na equipe ministerial do presidente Fernando Henrique. Chegou a se desentender publicamente com o falecido ministro das Comunicações, Sérgio Motta,

sobre o destino da receita das privatizações. José Serra, quando ministro do Planejamento, era um dos principais opositores à sua política cambial. Mas tinha no presidente da República seu maior admirador.

Seus amigos da PUC-RJ, como Luiz Roberto Cunha, consideram sua atuação na elaboração do Plano Real como fundamental para se ter alcançado a estabilidade dos preços. Cunha reconhece, porém, que os tempos mudaram. “É preciso ter hoje mais flexibilidade. E para isto, reconheço que o Chico Lopes tem um perfil mais adequado”.

Do ponto de vista dos empresários, com os quais tinha atrito, Gustavo Franco não tinha contato com o mundo real da economia e vivia apenas no mundo abstrato dos fluxos financeiros. ■